



CONSUMO E O IMPACTO SOCIOAMBIENTAL

Consumption and socio-environmental impact

Dias, Camila Carmona; Mestre; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, camila.dias@erechim.ifrs.edu.br¹

Daniel, Marli; Mestre; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, marli.daniel@erechim.ifrs.edu.br²

Resumo: Esse artigo propõe uma reflexão sobre a valorização de toda a cadeia produtiva, especialmente da mão-de-obra envolvida, voltando o olhar para questões de ordem econômica e de desenvolvimento social que repercutem diretamente nas questões de vulnerabilidade social e de degradação do meio ambiente.

Palavras chave: Consumo; economia; sustentabilidade.

Abstract: This article proposes a reflection on the value of the entire production chain, especially the hand labor involved, turning his gaze to questions of an economic and social development that impact directly on social vulnerability issues and the means degradation environment.

Keywords: Consumption; economy; sustainability.

Introdução

O Direito, enquanto ciência social é um ramo do conhecimento dinâmico, devendo se modificar constantemente para atender satisfatoriamente as necessidades que emergem na sociedade. Devido às dinâmicas dos

¹ Doutoranda em História pela Universidade de Passo Fundo - UPF; mestra em Educação; especialista em Moda: produto e comunicação; especialista em Comunicação e Semiótica; bacharela em Moda; licenciada em História. Professora e pesquisadora na área de moda e vestuário no IFRS – Campus Erechim.

² Mestre em Direito pela UPF; especialista em Direito Civil e Processual Civil; bacharela em Direito. Advogada e pesquisadora na área do direito, educação, trabalho e cidadania. Servidora do IFRS – Campus Erechim.





movimentos sociais, novas áreas de estudo surgem a partir das demandas postas pelo homem no seu constante processo de evolução, tornando-se multidisciplinar.

No decorrer dessa evolução dos direitos torna-se de substancial importância tratar de temas fundamentais e de outras questões relacionadas com o direito, como o direito a um meio ambiente sadio, de um consumo consciente por meio de uma economia globalizada e que respeita os aspectos envolvendo dignidade humana e cidadania.

Por isso, realizar um estudo multidisciplinar envolvendo direitos fundamentais, a evolução da moda seu empreendimento e os impactos que esta causa no planeta é de fundamental importância tendo em vista o crescimento gigante do consumo de bens em todo o mundo. Logo, o estudo da moda é, na maioria das vezes, desprezado pelos pesquisadores científicos, por ser considerado um ramo superficial, entretanto, a moda sempre acompanhou a sociedade e seus modelos econômicos, exercendo uma crescente influência em áreas do consumo, economia, empreendedorismo, meio ambiente e por consequência o direito.

Devido ao seu crescimento, a moda passou a ser vista como fato social, pois, além de ser, artística, econômica e política, é também, um fator de identidade pessoal de cada um na sociedade além de possuir o papel de transmitir ao homem um sentimento de pertencimento, de se sentir incluído no meio social em que ele está inserido. Sendo assim, ao se classificar à moda como um fato social, o Direito não deve ser alheio a esse fenômeno.

O universo da moda e seus bastidores: algumas reflexões





Inicialmente, o estudo exige um maior entendimento individual dos termos que compõem a relação existente entre moda, consumo e sustentabilidade, pois, para o desempenho dessa relação, deve-se entender individualmente cada um desses termos.

Assim, o termo moda, a menos para esse estudo, deve ser compreendido na sua complexidade, para que possa ser reconhecido como um fator de grande importância para a economia mundial, segundo.

A palavra moda vêm do latim *modus*, que significa, também, forma de conduzir, modo ou maneira. Foi no século XV que os franceses começaram a utilizar *mode* (modo), que fazia referência aos gostos e às preferências das pessoas, bem como à maneira que elas se vestiam. “Este sentido de “ao modo”, “à maneira”, passou a designar gostos, as preferências, como também a maneira como as pessoas se vestiam, suas escolhas, suas opiniões e gostos do momento.” (POLLINI, 2007, p. 17)

Portanto, expressa mudança e tem também um significado social: “Moda é um processo que abrange a questão da criação por excelência, tangenciando a arte e a estética, o que também lhe dá a condição de extratificadora social.” (BRAGA, 2007, p.16)

Modernamente, o termo moda, não está apenas ligado ao hábito de cobrir o corpo ou à maneira de se vestir, ela implica também consequências mais amplas, como por exemplo, o comportamento, atitudes de vida e, um sem fim de outros fatores sociais, culturais e políticos.

Através da moda, segundo João Braga é possível compreender e estudar a historicidade do homem. Sendo assim, nesse artigo, a moda será abordada como um fenômeno sociocultural que reflete os valores da sociedade em uma determinada época: “Reflexo de uma época ou da cultura de um povo, por meio





da moda podemos compreender, também, a mente humana.” (BRAGA, 2007, p.21)

Sendo assim, pode-se dizer que a evolução da moda representa também um reflexo das mutações sociais e, carrega uma gama de reflexões sobre o significado político e social. Ou seja, é uma forma de expressão coletiva que faz uma leitura das classes sociais e da historicidade de um determinado tempo, através de uma linguagem simbólica e comunicativa, que se materializa no estilo de vestimenta.

Tudo isso reflete no segundo fator, que é a forma como a sociedade se comporta diante do mercado, da oferta de bens e serviços, postura esta que representa o consumo e o grande poder dos mercados contra as massas.

A delimitação do conceito de consumo não guarda unicidade nem induz a um consenso, no entanto o termo consumo remete ao ato econômico que permite concretizar a satisfação de determinada necessidade por meio da utilização de determinado bem.

Consumir representa comprar, despende certa parcela econômica de capital para adquirir algum bem. No entanto, consumir, não é bem isso. Consumir não pode ser apenas visto como sinônimo de comprar e a economia domina o mundo da vida e nos faz acreditar que somos seres econômicos, o que na verdade, não somos. Somos seres humanos, e dependemos de muitas outras coisas para termos bem-estar e felicidade.

Desta forma, a moda é visualizada como uma oportunidade de empreender socialmente, o que de acordo com Dolabela o empreendedorismo existe também no âmbito social, neste espaço ele tem por objetivo a coletividade, a ampliação da sustentabilidade das organizações, o desenvolvimento do capital social e das ações que promovam, desta forma, atividades que priorizem o





fortalecimento da comunidade, possibilitando o crescimento social e humano (DOLABELA, 1999, p. 12).

O que se pretende demonstrar, não é que a sociedade deve parar de consumir, mas sim, consumir de forma diferente, menos ativa e menos gananciosa, saindo da ideia de propriedade, de acumular e voltar o olhar para o mundo e buscar o equilíbrio para que este se desenvolva sem tantas agressões. Isso nos remete a pensar no consumo consciente, que, por conseguinte nos remete à palavra da moda: sustentabilidade.

Consumo consciente, portanto, representa não apenas como e o que se está consumindo, mas também significa como o produto é produzido, como será o seu descarte e quais os impactos que ele causa durante a sua vida útil (PORTAL BRASIL, 2012). Por isso, no próximo tópico será abordado o que é sustentabilidade e o seu impacto no mundo moderno.

Sustentabilidade e consumo

Ao longo da história o meio ambiente tem sido duramente sacrificado, além de colocar em risco a viabilidade futura de toda a humanidade. Esse paradigma tem-se apresentado como o principal causador dos problemas ambientais graves. A sociedade sempre teve a seu dispor toda estrutura natural e ambiental e nunca ficou privada do que o meio ambiente tinha a lhe oferecer, mas o seu mau uso, aliado à ambição humana estão mudando esse cenário. Mesmo o homem fazendo parte da natureza, não tem agido com a consciência dos limites existentes no ecossistema e explora cada vez mais sem a menor preocupação.

Sendo assim, num primeiro momento, parece que sustentabilidade somente seria possível se não confrontasse com os interesses capitalistas. No





entanto, também parece precipitado separar os termos sustentabilidade e capitalismo, tendo em vista que, pelo menos *a priori*, uma empresa pode estar cumprindo sua função social, mesmo se olharmos sob o prisma de que ela alinha sua produção com eficiência.

O termo sustentabilidade passou a ser mundialmente difundido a partir da realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano - United Nations Conference on the Human Environment (UNCHE), em junho de 1972, em Estocolmo.

A conferência de Estocolmo ficou marcada também pelo confronto entre as devidas perspectivas propostas por países desenvolvidos e em desenvolvimento, onde os países desenvolvidos preocupavam-se com os efeitos da devastação ambiental sobre a Terra, propondo um programa voltado para a conservação dos recursos naturais e genéticos do planeta, ou seja, consideravam a ideia de medida preventiva imediata. Por outro lado, os países em desenvolvimento argumentavam o fato de estar tomado pela miséria, com problema de moradia, saneamento básico, com riscos de doenças infecciosas, propondo assim desenvolvimento econômico rápido, devido às claras necessidades (MACHADO, 2006, p.7-51).

Desde então a preocupação ambiental vem crescendo, especialmente com os impactos causados pelo modelo econômico vigente de produção e consumo excessivos. Por isso, conciliar crescimento econômico e desenvolvimento com a preservação ambiental é um desafio que envolve toda a sociedade. Essa mudança cultural e comportamental se faz necessária, visto que a percepção de bem-estar por parte dos indivíduos está pautada na posse de bens materiais (MAZZINI, 2008, p. 103).

Assim o empreendedorismo social, volta-se para as questões de sustentabilidade, conforme coloca Dolabela que para empreender deve-se





reforçar o pensamento proativo, afirmando-se em um comportamento que vise: “aprender a pensar e agir por conta própria, com criatividade, liderança e visão de futuro, para inovar e ocupar o seu espaço no mercado, transformando esse ato também em prazer e emoção”. E o futuro está presente a sustentabilidade, tendo em vista pensarmos nas gerações que virão, podendo colocar o mundo da moda de forma que valorize o ser humano e o meio em que vive (DOLABELA, 1999, p. 12).

É inegável que nas últimas décadas muito se avançou no que concerne à proteção dos direitos humanos, no entanto, quando se fala sobre o mundo da moda e a sua cadeia produtiva, a resposta não é tão simples e ainda há muito que se promover a respeito da concretização dos direitos.

Aliado a isso a falta de conhecimento por parte da sociedade em relação à sustentabilidade e ao que isto implica, pode ter consequências catastróficas. Nos dias de hoje é preciso que cada indivíduo tenha a consciência de que é necessário se preocupar e cuidar do meio ambiente no qual se vive.

A produtividade e o consumo relacionado com a moda é um fenômeno de extrema abrangência, e possui uma capacidade palpável de demonstrar a necessidade de mudança da sociedade, ou seja, do novo, que se reflete no processo de consumo. O ser humano cada vez consome mais, é como um remédio para a cura dos males trazidos pelo mundo globalizado, pelas novas tecnologias e pelo acesso a informação. Nas palavras de Zygmunt Bauman:

El objetivo último de la tecnología, el t́elos de la techné, sugirió Jonathan Franzen al inicio de una conferencia pronunciada el 21 de mayo de 2011 en el Kenyon College, es sustituir un mundo natural, indiferente a nuestros deseos (un mundo de huracanes, de adversidades y corazones que se pueden romper, un mundo que se nos opone), por otro tan receptivo a nuestros deseos que llega a ser, de hecho, una simple prolongación del yo. Estamos hablando en definitiva de comodidad y conveniencia, (por decirlo así, una comodida sin esfuerzo y una cómoda falta de esfurezo). Se trata de hacer que el





mundo nos obedezca y se adapte a todos nuestros caprichos, de expulsar del mundo todo lo que se interponga, obstinada y tenazmente, entre nuestra voluntad y la realidad. Una precisión: como lo que llamamos “realidade” es aquello que se resiste a la voluntad. De vivir en un mundo constituido únicamente por lo que queremos y lo que deseamos; por nuestras necesidades y deseos como compradores, consumidores, usuarios y beneficiarios de la tecnología(BAUMAN,2014, p.62-63).

Porém, ao se pensar que a moda reflete os acontecimentos da sociedade, parece normal se esperar que, em algum momento ela se confrontasse com o conceito de sustentabilidade, até mesmo pelo fato de fazer parte da cadeia produtiva. Da mesma forma, é incontestável que a moda teria o seu negócio impactado pelo conceito de sustentabilidade em algum momento. Então, se a moda necessita da sociedade para existir, deve estar alinhada com os acontecimentos da atualidade e, deve se adequar com esses acontecimentos e adotar práticas socioambientais.

A maioria das atividades relacionadas com a produção têxtil causa algum tipo de degradação do meio ambiente natural. Na fase de produção têxtil, como fiação, tecelagem, beneficiamento e confecção do vestuário são possíveis verificar que muitos são os resíduos e impactos causados diretamente ao meio ambiente.

Por sua vez, o algodão é a matéria prima da produção têxtil, e já nas etapas do plantio e adubação são utilizadas grandes quantidades de agrotóxicos e pesticidas prejudiciais, não somente ao meio ambiente, mas também aos seres humanos. Tal procedimento causa grande impacto ao meio ambiente como, poluição das águas, do ar, do solo, sem contar com o elevado índices de doenças em seres humanos.

Ainda, no que se refere ao impacto ambiental da cadeia de produção têxtil, o acabamento e ao processamento de tecidos estão diretamente relacionados



ao alto consumo de água e, por consequência, aos aspectos ambientais devido ao esgotamento de outros seres ligados ao ecossistema.

No entanto, é possível minimizar esses impactos utilizando alguns mecanismos como, por exemplo, as indústrias têxteis usam, na etapa de fiação do algodão, muito calor e energia. Todavia, esse calor pode ser reaproveitado por um sistema de captação de calor e utilizado na indústria de forma a proporcionar para as pessoas envolvidas no processo um maior bem-estar, diminuindo o uso de ar-condicionado e consequentemente o consumo de energia. Com tal procedimento é possível transformar um impacto que é ruim para o meio ambiente em algo benéfico para os trabalhadores.

Atualmente algumas indústrias têxteis estão procurando se adequar sustentavelmente, adotando posturas que visam minimizar danos ao meio ambiente, além de estar tentado introduzir em seus processos de manufatura matérias-primas ecológicas, entre elas o algodão orgânico que é cultivado sem o uso de produtos químicos e pesticidas e a substituição do uso de produtos químicos por produtos menos nocivos, como a troca da graxa utilizada nos processos por cera de abelha(MILAN; VITTORAZZI; REIS, 2010).

Cumpra também ressaltar, que produtos produzidos respeitando a natureza, os chamados produtos verdes, não necessariamente precisam ser mais caros. Muitas empresas alcançam reduções de custos significativos por meio da redução do tamanho de uma simples embalagem. Tal ação gera reduções não apenas no uso da matéria prima, mas também reduz custos de logística e de armazenamento. É possível dizer que a Economia Verde deixou de ser um modismo para se tornar um meio necessário ao desenvolvimento sustentável.

A sustentabilidade conforme já foi dito, associa os mais diversos elementos de interação da sociedade. Em outras palavras, pode-se dizer que a





sustentabilidade promove o crescimento econômico ao mesmo tempo que promove benefícios para os seres humanos, para o meio ambiente e para a sociedade como um todo.

Assim, não obstante os custos despendidos para minimizar os impactos ambientais que a produção têxtil causa, se houver conscientização social e adoção de recursos menos prejudiciais ao meio ambiente o resultado final é a concretização do desenvolvimento sustentável e de uma sociedade mais saudável e com menos miséria.

No entanto, ainda há muito a ser feito, especialmente quando se fala em respeito aos direitos humanos. É o que será tratado no ponto a seguir.

Meio ambiente e desenvolvimento humano

Para falar de desenvolvimento humano também é preciso relacionar com desenvolvimento econômico, pois quando se fala em crescimento econômico não está necessariamente anunciando melhoria da qualidade de vida de uma determinada população, tendo em vista, que o crescimento é uma medida quantitativa, direcionada, principalmente para o tamanho da economia de um país, região ou Estado.

O crescimento econômico é um dos principais mecanismos para a concretização do desenvolvimento econômico, medido basicamente por variáveis quantitativas. O Brasil que é hoje a 9ª economia do mundo, segundo a revista Exame e, nem por isso está entre os países de maior desenvolvimento humano, deve-se a isso, principalmente pelas políticas governamentais pouco inclusivas que vieram se arrastando ao longo da história (EXAME, 2016).

No que concerne ao desenvolvimento humano os mecanismos são qualitativos, está relacionado com as pessoas e com o que elas ostentam para



si e para suas famílias, cuja finalidade está no resgate ou na conquista da dignidade humana, dos seus direitos fundamentais e conseqüentemente do aprimoramento dos seus direitos de personalidade.

Segundo dados do portal de G1 em dezembro de 2015 o Brasil ocupou o 75º lugar no ranking que mede o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), segundo relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), estando atrás de países como o Sri Lanka e Venezuela (G1, 2016). Por isso, a fome, a miséria e as desigualdades sociais persistem e se tornam presentes cada vez mais, colocando-se lado a lado com a prosperidade dos grandes centros.

Segundo Bresser-Pereira, desenvolvimento econômico pressupõe acumulação de capital e aumento da produtividade, culminando-se com crescimento sustentado da renda por habitante e melhoria dos padrões de vida da população de um país (BRESSER PEREIRA, 2006, p. 203-230). Na mesma vertente, Nali de Jesus de Souza enxerga no crescimento econômico uma condição importante para a conquista do desenvolvimento econômico.

Desenvolvimento econômico define-se, portanto, pela existência de crescimento econômico contínuo, em ritmo superior ao crescimento demográfico, envolvendo mudanças de estruturas e melhorias de indicadores econômicos, sociais e ambientais. Ele compreende um fenômeno de longo prazo, implicando o fortalecimento da economia nacional, a ampliação da economia de mercado, a elevação geral da produtividade e do nível de bem-estar do conjunto da população, com a preservação do meio ambiente (SOUZA, 2005, p. 7).

A definição do autor supracitado vem da crença de que o desenvolvimento econômico decorre do crescimento econômico contínuo, duradouro (longo prazo), expressivo (maior que o crescimento da população) e transformador, na medida em que provoca mudanças estruturais e melhorias nas condições de vida da população.

Isso remete a ideia de que aumentando a renda da população teríamos uma melhoria do bem-estar, no entanto não basta apenas isso, para Ribeiro e



Carvalho, deve-se também levar em conta outros indicadores, como os relacionados com a mortalidade infantil, os níveis de educação da população diretamente envolvida, saúde, qualidade do meio ambiente, expectativa de vida e a infraestrutura disponível. E dizem mais: Se junto com a renda não houver qualidade de vida, esta renda pode não representar nada (RIBEIRO; CARVALHO; 2010, p. 87).

Percebe-se que fatores como o nível educacional da população, ainda muito distante dos ideais, na maioria dos países da América Latina, é um dos exemplos que limita o desenvolvimento econômico dos países. Portanto, o desenvolvimento do capital humano tem papel fundamental nesse contexto.

De acordo com a Organização das Nações Unidas, em seu relatório de Desenvolvimento Humano Global, o desenvolvimento humano está diretamente ligado à garantia dos direitos fundamentais do cidadão e o acesso aos direitos sociais permitindo realizar escolhas, além de gozar de oportunidades mediante as capacidades individuais, ou seja, o exercício dos direitos de personalidade precisa de um patamar mínimo de igualdade. Por outro lado, o crescimento econômico, objetiva o coletivo e o bem-estar da sociedade como um todo, tanto pela riqueza disponível quanto pelos recursos naturais que ela pode dispor (ONU, 2013).

Em contrapartida a isto, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD cita o desenvolvimento humano como aquele que situa as pessoas no centro do desenvolvimento, tratando da promoção do potencial das pessoas, do aumento de suas possibilidades e do desfrute da liberdade de viver a vida que eles valorizam e que desejam para si (PNUD, 2013).

Apesar de existir diferenças gritantes entre desenvolvimento humano e crescimento econômico, existe uma *conditio sine qua non* para aquele. É





indiscutível a preocupação de como o crescimento econômico, afeta diretamente a qualidade de vida das pessoas e seu bem-estar.

Nesse sentido, Muhammad Yunus, prêmio Nobel da Paz, comenta que “Os indivíduos e as organizações dos países desenvolvidos que querem ajudar os pobres devem estabelecer o compromisso político de oferecer solidariedade à metade inferior da população dos países em desenvolvimento, especialmente às mulheres (YUNUS, 2008, p.124)”.

Diz ainda que é muito complicado estabelecer critérios de combate à pobreza, pois nunca se sabe qual a ordem de prioridade a seguir entre moradia, saúde, educação e outras necessidades básicas existentes.

Gina Pompeu ensina que “Para aliar o desenvolvimento humano com o econômico na esfera local e global, essenciais serão as presenças constantes de instituições sociais, de uma população interativa e bem informada (POMPEU, 2012, p.116)”. Nessa esteira temos que, as empresas não devem visar apenas o lucro, mas ter, também, um olhar para a questão da responsabilidade social, respeito ao meio ambiente, para a valorização social do trabalho e da livre iniciativa.

Como saliente Marcos Arruda, ao longo do século XX, houve avanços na redução da pobreza em várias partes do planeta, entretanto, o crescimento econômico tem sido tamanho que não se justifica a persistência da pobreza (ARRUDA, 2006).

Para Bauman, a história do mundo nos noticia que a desigualdade tende a se multiplicar e se estender de maneira cada vez mais rápida e, diz mais:

La tenaz persistencia de la pobreza en un planeta dominado por el fundamentalismo del crecimiento económico es suficiente para que el observador se detenga y reflexione tanto sobre los daños directos como sobre los daños colaterales de esta redistribución de la riqueza. El profundo abismo que separa a los pobres sin futuro de los ricos,



optimistas, seguros de sí mismos y sin complejos - un abismo de tal profundidad que excede la capacidad del explorador más esforzado y valiente para delimitarla en su totalidad-es una buena razón para estar enormemente preocupado (...)(BAUMAN , 2014, p. 12-13).

Observa-se a forte presença de um dever de responsabilidade que começa no Estado e deságua individualmente em cada cidadão.

A pobreza e a desigualdade não deve ser algo tolerado por todos, pois como diz Bauman:

(...) No somos bolas de billar que se mueven por el tablero hacia donde las empuja el que maneja el taco. Estamos, por así decirlo, *condenados a ser libres*, y por mucho que deseemos librarnos de la desazón de hacer una elección, siempre tendremos que optar entre varias maneras de hacer las cosas(...)(BAUMAN , 2014, p. 37).

Para ele, ou somos guiados pelo nosso carácter ou pelo nosso destino e, este não é possível mudar. Torna-se cada vez mais evidente, que não há como manter o crescimento econômico nos padrões de produção e consumo atuais, pois cada vez mais se cria um abismo entre ricos e pobres. Mudar isso não é tarefa fácil, pois como salienta Bauman fomos educados para acreditar que essa diferença é natural:

Nos han educado y entrenado para creer que el bienestar de la mayoría se consigue mejor captando, perfeccionando, financiando y recompensando las habilidades de unos pocos. Creemos que la naturaleza distribuye de forma desigual las capacidades. Por consiguiente, existen ciertas personas que son capaces de llegar a donde otros nunca llegarán por mucho que lo intenten. Aquellos que han sido bendecidos con capacidades son muy pocos y están dispersos, mientras que los que no tienen dichas capacidades o tienen menos son multitud. De hecho, muchos de nosotros, miembros de la especie humana, pertenecemos a esta última categoría. Ésa es la razón, nos repiten insistentemente, por la que la jerarquía de la posición social y de los privilegios se parece a una pirámide: cuanto más alto es el nivel alcanzado, más escaso es el número de personas capaces de alcanzarlo(BAUMAN , 2014, p. 83-84).



Ou seja, para que a humanidade possa sobreviver e permitir a sobrevivência das demais espécies é urgente promover uma revolução conceitual de todos os envolvidos na cadeia produtiva, incentivando a eficiência do uso das energias, promover a reciclagem e o reaproveitamento do lixo.

Todas as formas de desperdício precisam ser reduzidas para que ocorra a preservação ambiental, bom como o desenvolvimento de sociedades com menos desigualdades sociais, ou seja, desenvolver-se de forma sustentável é possibilitar uma série de benefícios, não apenas para a indústria e a produção têxtil, mas também para toda e qualquer indústria e para a sociedade como um todo.

Considerações Finais

Como já dito antes e bem colocado por Muhammad Yunus, à pobreza é a negação de todos os direitos humanos, que gera hostilidade, frustração e, para que se tenha paz, é preciso encontrar meios de dar oportunidade às pessoas para que tenham uma vida digna.

O Desenvolvimento nacional de um país compreende, não somente o crescimento e o desenvolvimento econômico, mas também o desenvolvimento humano, o bem-estar das pessoas, a qualidade de vida que elas possam ter e o respeito ao meio ambiente, em que o empreendedorismo social vem ao encontro.

Apesar de nas últimas décadas ter ocorrido alguns avanços em termos de redução da pobreza em diversas partes do mundo, estes ainda não correspondem ao crescimento econômico alcançado pelos países. Assim, não há justificativa jurídica, política ou econômica para a persistência da pobreza extrema tanto no Brasil como em outras partes do mundo.





Por sua vez, sustentabilidade significa viver em um ambiente equilibrado, harmonioso, onde educação, saúde, alimentação, moradia e trabalho com salário digno incluam as pessoas a um universo de possibilidades. O capital humano e a responsabilidade social superam o simples cumprimento do princípio da legalidade e assim igualdade formal corresponderá à igualdade material.

Denota-se do estudo que o desenvolvimento sustentável, cultural, econômico, social e político, devem estar relacionados com a proteção do meio ambiente, devendo ser buscado por toda a sociedade, ou seja, por toda a comunidade internacional, garantindo às populações mais carentes uma melhoria na sua condição de vida, e um sentido real de justiça social, bem-estar e dignidade humana, pois esses direitos fundamentais estão coligados e devem ser respeitados reciprocamente.

Referências

ARRUDA, Marcos. **Tornar real o possível: a formação do ser humano integral, economia solidária, desenvolvimento e o futuro do trabalho**. São Paulo. Vozes. 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **La riqueza de unos pocos nos beneficia a todos?** Trad. de Alicia Capel Tatjer. Paidós. 1ª edición, enero. Espanã, 2014.

BRAGA, João. **Reflexões sobre moda**. 2 ed. rev. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007. Vol. II.

BRAGA, João. **Reflexões sobre moda**. 2 ed. rev. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007. Vol. II.

BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. **Estratégia Nacional e Desenvolvimento**. Revista de Economia Política, São Paulo, v. 26, n. 2, abr/jun, 2006.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do Empreendedor**. 1 Ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.





EXAME. **Brasil cai para a posição de 9ª economia do mundo.** Acessível em: <http://exame.abril.com.br/economia/noticias/pib-em-dolar-cai-25-e-brasil-cai-para-a-posicao-de-9a-economia-do-mundo>. Acesso em 26 de agosto de 2016.

MACHADO, Aletheia de Almeida. **A. Ambiental internacional: A construção social do acidente químico ampliado de Bhopale da convenção 174 da OIT.** Rio de Janeiro, vol. 28, no 1, janeiro/junho 2006.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais.** Rio de Janeiro. E-papers, 2008.

MILAN, G. S; VITTORAZZI, C; REIS, Z. C. **A Redução de Resíduos Têxteis e de Impactos Ambientais: Um Estudo Desenvolvido em uma Indústria de Confecções do Vestuário.** XIII SemeAD seminários em administração, 2010.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Relatório de Desenvolvimento Humano Global, 2013.**

PNUD. **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.** Relatório de Desenvolvimento Humano, 2013.

POLLINI, Denise. **Breve história da moda.** São Paulo: Editora Claridade, 2007. Coleção Saber de tudo.

POMPEU, Gina Marcílio. **Crescimento econômico e desenvolvimento humano: entre a soberania do Estado e a proteção internacional dos direitos do homem.** Pensar, Fortaleza, v. 17, n.1, jan/jun.2012.

PORTAL BRASIL. **O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável.** Consumir de forma consciente é fundamental para minimizar os impactos negativos que causamos ao meio ambiente. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Akatu. 2012. Acessível em: <http://www.brasil.gov.br/meio-ambiente/2012/08/pesquisa-revela-o-que-o-brasileiro-pensa-do-meio-ambiente-e-do-consumo-sustentavel>. Acesso em 15/09/2017.

PORTAL G1. **Brasil perde uma posição no ranking do desenvolvimento humano.** Acessível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/12/brasil-perde-posicao-no-ranking-de-indice-de-desenvolvimento-humano.html>. Acesso em 26 de agosto de 2016.

RIBEIRO, Elisa de Castro Marques; CARVALHO, Eveline Barbosa Silva. **Política de incentivo para melhoria do bem-estar social: uma análise do Prêmio Ceará Vida Melhor.** Desafios do desenvolvimento econômico.





Francisco Diniz Bezerra, Kamila Vieira de Mendonça et al (orgs.). Fortaleza. Banco do Nordeste. 2010.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento econômico**. 5. ed. rev. São Paulo: Atlas, 2005.

YUNUS, Muhammad. **Um mundo sem pobreza: a empresa social e o futuro do capitalismo**. Muhammad Yunus; com Karl Weber: (Tradução Juliana A. Saad e Henrique Amar Rego Monteiro). São Paulo. Ática, 2008.

